

# Inimigos, Reencontros

## PREÂMBULO I

### O VIAJANTE

Parti apressado no começo do dia.  
Atravessei a planície  
sob o sol escaldante,  
mas nunca cheguei ao pé da montanha.

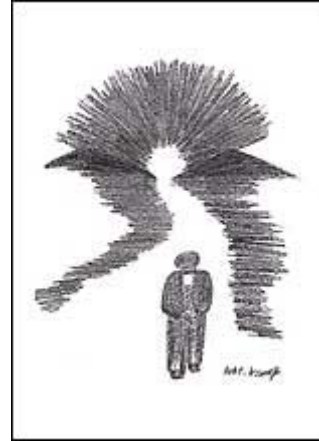
Muitas coisas eu vi,  
outras tantas não fiz,  
e tudo aquilo que quis me queimou como  
fogo...  
mais quente que o sol sobre a minha cabeça.

Ao pôr-do-sol perguntei muitas coisas  
mas não tive respostas de qualquer natureza.  
E corri pela noite sem fazer mais perguntas.

À minha esquerda navegou o desejo,  
à minha direita viajou o perigo.  
Pra chegar ao prazer conheci as tormentas e nem sempre as venci...  
muitas vezes caí ao seguir o cortejo.  
Vi a flor do festejo  
transformar-se em castigo,  
o prazer do abrigo  
se chocar com o desejo.

Estou agora de novo no começo da rua,  
à espera da lua que virá outra vez.  
Mas não quero partir; pelo menos agora.

Quero apenas falar sobre os dias e horas  
da planície obscura por onde corri  
ou apenas andei.  
A floresta insegura onde às vezes lutei,  
de onde não sei quantas vezes fugi;  
quantas vezes parti depois que matei,  
quantas vezes voltei...  
depois que morri.



## PREÂMBULO II

*Caravelas e saveiros*

*deslizando pelas águas  
iluminadas pelo sol.  
Se estão no rumo certo  
ou se vão ao sabor dos ventos,  
eu não sei,  
tu não sabes,  
ninguém sabe.  
Só o tempo.  
Ele sim,  
ele sabe!  
Mas não diz.*

---

## PRIMEIRA HISTÓRIA

### O REENCONTRO

Eu acho que tudo aquilo realmente aconteceu. Até mesmo teria certeza, se fosse possível tê-la em assuntos como este. Gostaria de vê-lo de novo, de lhe falar mais uma vez, mas ele nunca mais apareceu, sumiu no tempo de que tanto falara e me deixou a sós com a sensação de estranheza.

Algum dia o verei novamente, mas eu sei que isso não acontecerá antes da minha morte. Como ainda não desejo minha própria morte, espero que o nosso segundo reencontro não aconteça logo.

Restam-me, portanto, somente as lembranças do primeiro.



\* \* \*

O dia estava cinza naquele fim de tarde; estava triste, uma tristeza gostosa, cultivada. A maré baixa me dava espaço, muito espaço, e não havia quase ninguém à beira-mar naquela época do ano.

O silêncio era reforçado pelo ruído macio da água tocando o solo. Dentro dele eu andava devagar, apressava o passo, às vezes corria. E depois parava. Ao parar, sentia ainda mais o silêncio da água mansa deslizando na terra.

Por alguns instantes desliguei-me totalmente da paisagem, concentrado que estava em pensamentos caóticos. Ao retomar o contato, defrontei-me com ele. Estava bem na minha frente, a uma distância de poucos metros. De onde teria vindo? Do norte, do oeste, do sul? Não, pois eu teria notado sua aproximação na paisagem aberta. Não viera também do leste, pois no leste ficava o mar, e suas roupas estavam secas.

De onde teria vindo? E que roupas estranhas! Uma túnica, fechada, descia até as botas e as luvas, deixando à mostra apenas o pescoço e o rosto, muito brancos. Seus olhos eram grandes, tão negros quanto a túnica, e seus cabelos eram curtos, tão pretos quanto as botas e luvas. Não era alto. Nem baixo. Era magro, mas não muito. Seu rosto não era hostil. Era uma face tranqüila, misteriosa... impassível mas não fria.

Ele me olhava sem parar, e o seu olhar me trouxe imagens, muitas imagens,

vivas e fortes, belas e feias, de vida e prazer, de dor e de morte. Concentrei-me tanto naquelas imagens que me assustei quando ouvi sua voz, que dizia:

Eu te conheço de outros tempos,  
nos conhecemos de outras eras.

Já te matei algumas vezes  
e me jogaste em meio às feras...  
tu me conheces de velhos ventos  
(nós nos matamos em tantas terras!)

Já nos causamos alguns tormentos...  
nos conhecemos de muitas guerras.

Fui dominado pela raiva ao ouvir aquelas palavras. Seu rosto estava diferente, mas era ele. Era ele! E foi com muita raiva que lhe respondi:

Vejo-te em Roma,  
te vejo em coma  
com os ferimentos que te causei.

Mata-me de novo,  
mas não me tomes  
as poucas coisas que eu criei.

Se me apresentas a mesma soma  
(em frente aos olhos de mais um povo)  
a mesma conta verás de novo,  
pois novamente te matarei.

Ele permaneceu calado. Não parecia compartilhar da minha raiva. Eu prossegui, um pouco mais calmo:

Caminhava eu sem rumo  
pelas ruas de Lisboa,  
quando chegaste do além-mar,  
ó cavaleiro do "eu sei".

E então tudo mudou.  
Já não estava eu à toa,  
pois eras tu o meu caminho.  
Já não estava eu sozinho  
pelos becos de Lisboa;  
pois eu ia te matar,  
ó cavaleiro do "não sei".

Ele sorriu pela primeira vez. Um sorriso misterioso como tudo aquilo. Não era de zombaria, mas o senti como se fosse. Finalmente ele disse:

Eu te enganei o tempo todo,  
não é a mim que tu procuras.  
Não sou eu o velho "amigo"  
que mataste em Portugal.  
Eu não sou o inimigo que te afogou no pantanal de feios tempos que se foram.

Eu não sou o "traidor",  
tua memória te traiu.  
Não fui eu quem sucumbiu  
às torturas do senhor  
que te sujou no lamaçal de reinos que nunca foram  
a grande terra ideal.

Eu te enganei o tempo todo.  
Viste a terra e o lodo,  
o grande mar e as montanhas,  
as terras belas e estranhas  
de uma vida ancestral.  
Mas não viste o inimigo,  
a velha imagem do perigo  
que mataste em Portugal.

A raiva, que havia arrefecido, multiplicou-se por dez:

Não acredito no que dizes,  
pois a mentira te fascina.  
És a ave de rapina que abati em pleno vôo.  
Sinto o mesmo grande enjôo  
que senti naquele dia lá nas ruas de Lisboa  
quando estava a te aguardar.  
Se tua prosa não é boa,  
o teu verso não é nada.  
Eu te vejo na estrada,  
tu não vais me enganar.

Desta vez ele não sorriu. Apenas respondeu:

És mais tolo que pensei.  
Se não lembras quem eu sou,  
eu agora te direi:  
sou ninguém menos que o rei  
que teus passos comandou.

O Rei! Aquele patife se dizia o Rei!:

Ora, quanta pretensão!  
Não foste sequer o limão  
que amargou a boca do Rei,  
que meus passos comandou  
no dia em que te matei,  
como ele me ordenou...  
e eu mesmo desejei.

Minha fúria não parecia afetá-lo:

Pois ouve bem o que te digo:  
eu não sou o inimigo  
que mataste aquele dia lá nos becos de Lisboa.

Ele está em outra terra,  
onde gasta energia a fazer mais uma guerra.  
Sem saber da alegria

que um dia lhe roubaste.

Eu insisto: sou o Rei!  
O soberano teu amigo  
que noutros tempos tanto amaste.  
Enfrentei os inimigos  
que em dias muito antigos  
com tanto ódio derrotaste.

Eu estava a ponto de agredi-lo, mas o fascínio me impedia. E apenas respondi, com mais raiva do que nunca:

És o rei da teimosia,  
imperador da covardia contra a qual sempre lutei.  
Eu insisto, ó falso rei:  
numa noite um tanto fria,  
pelas roupas da Virgem Maria  
eu juro que te matei!

A figura branca e negra postada à minha frente permaneceu imperturbável:

Pois enganado estás agora,  
como estavas noutros tempos.  
Não percebes que é hora  
de navegar com outros ventos?

Não me restava outro caminho, a não ser insistir:

Não, eu nada percebo;  
nada quero perceber.  
Além do que já percebia  
no dia em que te matei.

Eu de ti nada recebo;  
e jamais vou receber.  
Pois mentes ao me dizer  
que noutros tempos foste o Rei.

Ele voltou a sorrir, ao dar a palavra final:

Por duas vezes te enganei:  
ao passar por inimigo  
e ao fazer-me de amigo  
no tempo em que era rei.

Mas se tu não acreditas,  
não importa, temos tempo.  
E nele navegarei.

Nele também navegarás;  
e então verás que as coisas belas  
que no passado te mostrei  
eram feias e absurdas.

Tão feias quanto eu mesmo fui  
no tempo em que era rei.

\* \* \*

Minha visão ficou turva, meus olhos arderam, eu os fechei. Ao reabri-los, um segundo mais tarde, ele já não estava lá.

Sumira no tempo de que tanto falara.

\* \* \*

Algum dia o verei de novo; mas eu sei que isso não ocorrerá antes de minha morte. Como ainda não desejo minha própria morte, espero que o nosso segundo reencontro não aconteça logo.

Restam-me, portanto, somente as lembranças do primeiro.

## SEGUNDA HISTÓRIA

### O REENCONTRO

Eu resolvi contar o que realmente aconteceu. Não espero que se acredite em mim. Vão pensar que estou louco ou que pretendo justificar o que fiz. Ou ainda que eu, sendo um escritor, aproveitei uma tragédia pessoal para criar uma história.

Mesmo assim resolvi contar, pois, entre o silêncio e a descrença, prefiro a descrença.

Antes, porém, gostaria que vocês lessem este poema:

A noite voltou.  
E a beleza virá?  
E se verá o prazer?  
E vale a pena você,  
vale a pena te olhar?

O dia voltou.  
E a tristeza virá?  
E se verá o sofrer?  
E adianta fazer,  
vale a pena esperar?

Há momentos em que  
um pensamento sombrio  
vem a cavalo para nos dominar.

Se não queres morrer,  
tu vais ter que matar;  
e se queres vencer  
tu terás que lutar.

Mas lutar para quê?  
Lutar para ser?  
Você nunca será.

O que acham dele? Eu gosto. E gostei muito de escrevê-lo, no mesmo dia em que morreu um poeta famoso. Eu o escrevi assistindo às homenagens da televisão.

Lembro-me bem daquelas homenagens. Um canal de TV apresentou um quadro cheio de imagens fortes, ao som de um poema, transformado em música, que falava da bomba de Hiroshima. Alguém deve ter telefonado para a redação, pois logo depois dos comerciais o apresentador admitiu, com uma tranquilidade impressionante, que o autor daqueles versos não era o homenageado, mas um poeta que falecera uns anos antes. “Mas ele teria endossado aquelas palavras”, completou o locutor com voz comovida. Admirável.

Assistindo a essa gafe estilizada e a outras homenagens, mais cuidadosas, escrevi os versos que vocês leram há pouco. É claro que não posso provar que os escrevi. Se pudesse, a história seria outra, não teria acontecido a tragédia que lhes vou agora contar.

\* \* \*

Eu estava a perambular pelas ruas no meio da manhã, conversando com uns e com outros, matando o tempo ao ser morto por ele. Entrei numa livraria, procurei a seção de poesia e corri os olhos pelas prateleiras sem me fixar em nenhum livro, até deparar com este título:

*Canções Noturnas  
de Todas as Horas*

**Canções Noturnas de Todas as Horas!** O nome do livro que eu estava escrevendo! Como era possível que estivesse ali? Era um segredo, ninguém sabia. Não podia ser uma traição, e era muito improvável uma coincidência.

Abri o livro numa página qualquer e me senti implodir ao ler aqueles versos:

A noite avançou  
depois de cair,  
o dia voltou  
pra de novo partir,  
o tempo passou  
e estamos aqui a vê-lo passar,  
outra noite findar,  
mais um dia surgir, avançar e sumir...  
para o tempo acabar.

Saltei várias páginas, e o pesadelo se confirmou:

Canção Noturna de Todas as Horas

Fui morador obscuro de vários lados da noite,  
nos quais conheci do empolgante momento  
ao perigoso tormento no lado mais duro  
dos campos escuros por onde corri.

Comprei o livro sem saber bem o que fazia. Fui para casa, tranquei-me no quarto, joguei o livro num canto e tomei um remédio para dormir.

Tive um sono cheio de pesadelos confusos e acordei várias horas mais tarde, quando já estava escuro. Lembrei-me logo do mistério, mas não conseguia fazer nada. Fiquei alguns minutos deitado na escuridão. Com muito esforço consegui levantar-me, acender a luz e pegar o livro.

Marco Antônio Rodrigues, é o que estava escrito na capa. Um autor que eu

não conhecia. Havia uma foto dele na orelha e um texto que dizia ser aquele seu primeiro livro. Havia também um prefácio cheio de elogios.

Aquele prefácio me deixou deprimido e enjoado. Corri para o banheiro. Apesar de não ter almoçado nem jantado, vomitei.

De volta para o quarto, depois de um banho, não resisti à tentação e abri o livro novamente. Nem todos os poemas eram meus, mas havia muitos que eram. Li mais um deles:

A noite calma, ruidosa e solta  
se extingue mas volta (às vezes revôlta)  
a nos trazer alegria, terror e tristeza,  
a nos trazer fantasias  
de amor e beleza...  
de prazer e de luz.

Fechei o livro outra vez; não podia mais ficar ali. Saí de casa às pressas, fui para um bar. Ainda era cedo, as pessoas foram chegando aos poucos. Ao contrário do que normalmente acontecia, eu não consegui prestar atenção em ninguém. Quase não bebi, a música era distante, o lugar se tornara estranho, era impossível entender.

Eu já fora àquele bar várias vezes, quase sempre sozinho, com a esperança, não inteiramente assumida, de achar alguém que me achasse atraente e não tivesse motivos para manter-se distante. Mas sempre faltava paciência para esperar ou procurar, e eu acabava indo embora cedo, ficando pouco tempo.

Naquela noite, contudo, eu não bati em retirada, não tinha forças para fazê-lo. Talvez por isso tenha tido mais sorte do que de costume.

— Posso me sentar aqui?

Mesmo do fundo da minha depressão foi possível notar que eu finalmente conseguira alguém naquele bar. Era uma mulher atraente, sem dúvida. Cabelos negros e longos, feições delicadas, sorriso simpático, expressão inteligente. Caíra do céu, para dar um pouco de alegria a um dia tão terrível.

— É claro que pode. Fique à vontade.

— Você está pensativo. Algum problema?

— Uns probleminhas, nada muito sério.

— Não parece; você tá com um jeito bem triste.

— Agora menos.

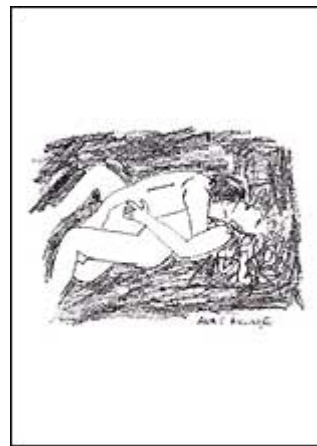
— Por minha causa.

— Por sua causa.

— Que bom!

— Você está fazendo a sua boa ação do dia.

Após conversarmos por uma meia hora, tomei coragem e lhe fiz a proposta, sem muita esperança de receber um sim. Mas não houve frustração: ela respondeu com um sorriso afirmativo.



— Você está pensativo de novo — disse ela depois dos momentos em que quase esqueci meu pesadelo real.

— Você gosta de poesia?

— Gosto.

— Quer ouvir uma?

— Quero.

Da noite eu quero a liberdade,  
carícias ao longo do meu corpo.  
Da noite, que tem a crueldade,  
eu não quero mais do que apenas um pouco.

A noite que cai sobre a cidade,  
que é como a lama para o porco,  
que nos traz o prazer e a maldade  
estremece cada veia do meu corpo.

— Gostei. É sua?

— Era.

— Era?!

— Não é mais.

— Eu não entendo.

— Depois eu explico.

— Você tem outras?

— Tenho, mas perdi as melhores.

— Perdeu os papéis? Mas você deve lembrar-se de pelo menos algumas.

— Eu não perdi os papéis e me lembro perfeitamente de quase todas.

— Então não dá pra entender.

— Depois eu explico. Vamos dormir um pouco.

\* \* \*

Acordei sobressaltado. Olhei para o lado e vi a moça me observando. Sua expressão, no entanto, estava bem diferente. Seu novo olhar era zombeteiro, maligno. Ela deu um sorriso assustador e começou a recitar:

Uma noite o prazer  
penetrando a madrugada.  
Até que o nascer de uma nova manhã  
me leva de volta à velha estrada.

Aos mesmos lugares,  
aos velhos prazeres,  
às novas pessoas...  
e seus velhos olhares.

Ela devia ter lido aquele poema no livro do Marco Antônio Rodrigues; não podia haver outra explicação. Mas o seu rosto me dizia que a resposta não era tão simples. E o que veio depois confirmou meus temores.

\* \* \*

— Você pensou que me havia encontrado naquela praia — disse uma voz que me pareceu tenebrosa. — Mas não encontrou. Não era eu. Eu o procurei durante séculos, com alguns intervalos de esquecimento. E sabe como o encontrei?

Lembrei-me do encontro misterioso que tivera numa praia deserta alguns anos antes. Então aquilo realmente acontecera! Ou estaria sonhando novamente?

— Ele disse a verdade — prosseguiu a voz. — Ele não era o inimigo. Eu sou o velho inimigo. E sabe como o encontrei?

Não respondi. Não conseguia dizer nada. E não tirava os olhos daquele rosto bonito que se tornara tão estranho e agora falava com uma voz masculina. A voz rouca prosseguiu:

— Eu roubei os versos de sua cabeça e lhes dei àquele rapaz. Mas, para você não dizer que o deixei sem nada, eu lhe dei esta mulher, eu a guiei para você. Ou você acha que ela foi seduzida por seus belos olhos?

Continuei mudo. A voz continuou seu monólogo:

— Sabe como o encontrei? Gostaria de ouvir um poema?

Sem esperar a resposta que não viria, a voz inimiga recitou um de meus poemas:

Eu fiz uma vez  
e outra vez eu faria.

Quis te ver como és,  
e não como querias que eu pensasse que eras.

E mesmo jogado no meio das feras  
consegui reagir.  
Fui à luta uma vez  
e de novo eu iria.  
Reagi,  
enfrentei.  
Eu fiz isto uma vez...  
e novamente faria.

— Não é a sua cara? — perguntou com ironia. — Ele chegou aos meus ouvidos; e por meio dele o encontrei.

Senti-me tonto, como se fosse desmaiar. Dominado pela fúria, atirei-me ao pescoço da garota, que sorria sinistramente ao ser estrangulada.

Não me lembro do momento em que ela morreu. Só me lembro de ter acordado ao lado de um cadáver que não tive coragem de tentar ocultar.

\* \* \*

Prometi contar toda a verdade, e aí está ela. Não espero que acreditem no que contei. Mas, como já disse, entre a descrença e o silêncio, prefiro a descrença.

## TERCEIRA HISTÓRIA

### O REENCONTRO

Pelo chão e a terra  
a tensão e a guerra.

Derrotar o perigo  
ao vencer o inimigo.

Ampliar a vitória conquistada em combate  
no clamor do embate que agora se encerra.

Aos vencedores o poder e a glória,  
confortável abrigo.

Aos vencidos um lugar na História:  
punição exemplar,  
insuportável castigo.

\* \* \*

Acordei sem saber onde estava. A primeira coisa que vi foi um teto branco. A segunda foram paredes brancas. Depois, roupas brancas, lençóis brancos, tudo branco.

— Maurício, graças a Deus você acordou!

— Caldas?

— Eu mesmo — respondeu sorrindo o meu velho amigo Caldas.

— O que você tá fazendo aqui?

— Estou lhe fazendo companhia.

— Isto aqui é um hospital?

Ele fez uma cara de preocupação:

— Claro que é! O que mais poderia ser?

— E por que eu estou aqui?

Sua preocupação se transformou num começo de pânico:

— Você não se lembra?

— Não me lembro de quê?

— Meu Deus...

Caldas era agnóstico, mas invocava com frequência o nome de Deus.

— Não me lembro de quê? Que mistério é esse?

— Do acidente.

— Acidente?

— Quer dizer, não foi bem um acidente, eu acho que foi sabotagem, estão investigando.

— Sabotagem?

— Eu acho melhor chamar um médico.

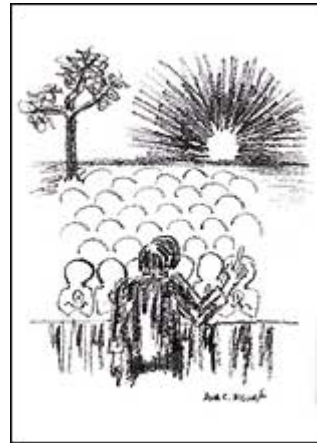
— Não, espere um pouco. Há quanto tempo eu estou aqui?

— Pouco tempo, desde ontem de manhã.

— Você falou em sabotagem. Contra mim?

— Claro! Contra quem mais poderia ser?

— Por quê?



— Ora essa, Maurício. Por causa da candidatura, é claro.

Tudo era claro para Caldas. Para mim, no entanto, nada estava claro. Apesar do branco que nos rodeava.

— Que candidatura?

Caldas entrou definitivamente em pânico:

— Você não se lembra também da candidatura?

— Eu não me lembro de candidatura nenhuma — respondi com raiva. — Que candidatura?

— À presidência!

— Presidência de quê?

— Ora essa, Maurício, à presidência da República!

— Eu sou candidato a presidente da República?!

— É claro que é! Ninguém lá fora pode saber que você perdeu a memória.

— Mas eu não perdi a memória. Eu me lembro de você, do meu nome, de muitas coisas. Só não me lembro desse acidente e dessa história de candidatura.

— Você deve estar com amnésia parcial. Ninguém lá fora pode saber disso, nem mesmo o pessoal da União Popular.

\* \* \*

Eu me lembrava de quase toda a minha vida. Mas não conseguia, por mais esforço que fizesse, lembrar-me do acidente – que poderia ter sido sabotagem – e da tal candidatura.

Mas eles me provaram que estavam dizendo a verdade: mostraram-me jornais, revistas, videoteipes, gravações... Estava tudo lá. Por mais estranho que isso pudesse parecer, eu era candidato a presidente da República. E isso não era tudo: eu tinha grandes chances de vencer, estava em segundo lugar e crescendo, cada vez mais próximo do primeiro colocado. Minha presença no segundo turno era quase certa; e aí eu teria mais um mês para crescer e ganhar a eleição.

— Os reacionários de todos os tipos estão em pânico — dizia, exultante, o meu velho amigo Caldas.

\* \* \*

“União Popular já tem candidato”, dizia a manchete de um jornal de meses atrás. E o texto completava: “O historiador e escritor Maurício Freitas, de 50 anos, deverá ser o candidato à presidência pela União Popular, a coligação de quatro partidos de esquerda formada com o objetivo de eleger o próximo presidente. O nome de Freitas será apresentado às convenções dos quatro partidos como representante principal de um programa comum que foi aprovado na semana passada pelas quatro direções partidárias, como uma recomendação a seus liderados. Os analistas políticos acham que o candidato da União Popular não tem chance de chegar ao segundo turno”.

\* \* \*

Outro jornal, mais recente, dizia: “Candidato protesta contra morte de lavradores”. “Segundo o candidato da União Popular, matar camponeses em plena campanha eleitoral, além de ser um ato criminoso e revoltante, é uma grande burrice da direita. Perguntado se a morte dos sem-terra vai beneficiar sua

candidatura, ele respondeu:

— Eu acho que um fato como esse torna mais visível uma realidade que muitas pessoas não querem ver: apesar da diversidade aparente, uma sociedade como a nossa é, no fundamental, dividida em dois campos opostos e inconciliáveis. Ou se está de um lado ou se está do outro. Eu estou do lado dos que morreram; os candidatos conservadores representam aqueles que mataram”.

A reportagem terminava dizendo: “Os adversários de Maurício Freitas o acusam de explorar politicamente a morte dos sem-terra, ocorrida num confronto com tropas do Exército”.

\* \* \*

Apreendi os fatos recentes que havia esquecido. Não foi difícil: eles faziam parte de coisas que sempre me interessaram. Quando me senti suficientemente seguro, gravei um pequeno pronunciamento para a televisão. Agora, estava na expectativa do grande comício de retorno. Falaria ao vivo para centenas de milhares de pessoas; e, por gravações de som e imagem, para dezenas de milhões. Minha candidatura continuava crescendo; e o acidente ajudara muito.

\* \* \*

Chegara, finalmente, o dia do grande comício. A expectativa era enorme e eu estava nervoso, meio inseguro. Já dera entrevistas, gravara pronunciamentos longos. Mas agora seria diferente, eu estava prestes a enfrentar um gigante. Não seria a primeira vez que falaria para uma multidão desse porte, diziam-me todos. E eu acreditava. Mas de que adiantava isso, se eu não conseguia me lembrar?

Havia, também, o problema assustador de guardar o segredo da minha perda parcial de memória. Poucos sabiam, e ninguém mais poderia saber. Eu teria que parecer inteiramente natural e à vontade diante de todas aquelas pessoas.

Senti-me um pouco enjoado ao vestir as roupas do comício.

\* \* \*

O locutor anunciou meu nome, a multidão aplaudiu, os amigos sorriram, fui ao microfone e olhei para a multidão. Mantive sob controle o frio de alto a baixo, ao longo da espinha, e falei:

— Eu gostaria de compartilhar com vocês um pequeno poema que escrevi há muitos anos:

Pensem-nos como uma semente,  
pequena  
mas forte o bastante para crescer e mudar  
e transformar o imaginário abstrato distante  
no próximo concreto real.

Para criar e fazer  
uma terra mutante  
e ser uma mudança vibrante completa,  
geral, inquieta,  
inteira e total.

Os aplausos, intensos, soaram-me distantes. Fui em frente:

— Esses versos têm uma espécie de seqüência, que escrevi há poucos dias:

Há mais uma fronteira a ser explorada  
que nos abre um espaço de pensamento e ação,  
para ser penetrado,  
produzido e conquistado  
como um caminho possível para o nosso desejo.  
Vamos da dor ao festejo  
e das fortes amarras à libertação.

Os aplausos, mais intensos ainda, soaram-me ainda mais distantes. As formas e cores à minha frente se misturaram, perderam a nitidez, começaram a sumir. Eu fiquei cada vez mais tonto e então...

\* \* \*

“A fé remove montanhas”,  
proclamam seus publicitários.

A família é sagrada, intocável,  
assim como a propriedade,  
os patrões,  
os proprietários.

Feche os olhos  
para a realidade.  
E não ouça o que dizem os vilões,  
os destruidores,  
os incendiários.

\* \* \*

Acordei sob uma árvore. Ao redor havia uma relva muito verde, com algumas árvores. Um pouco mais longe estava um rio. Do outro lado do rio, não muito perto da margem, uma pequena colina. Nenhum sinal de outras pessoas. Era a segunda vez em poucas semanas que eu acordava sem saber onde estava.

— Lembra-se agora, do acidente?

Eu me virei assustado e tive uma grande surpresa. Era ele... O Rei! No final da minha trilogia de reencontros, eu vivia meu segundo reencontro com o Rei. Magro, mas não muito, nem alto nem baixo, pele muito branca, cabelo muito preto, botas e luvas negras, túnica negra contrastando com minhas roupas brancas de hospital. E o mesmo leve sorriso enigmático.

Ele perguntou de novo:

— Lembra-se agora, do acidente?

Sim, eu me lembrava do acidente e de muito mais. Do nosso encontro na praia, muitos anos antes. De um assassinato alguns anos depois, uma mulher estrangulada, um julgamento... a prisão. A liberdade condicional, o acidente, um hospital...  
trevas.  
Mas não havia candidatura nenhuma.

— O acidente aconteceu — respondi pensativo. — Mas a candidatura...  
A figura sorriu com simpatia:

— Você teve um belo sonho embaixo dessa árvore.

— Um belo sonho... poderia ter sido... o assassinato daquela moça não permitiu, mudou os rumos da minha vida. Comecei a entrar em pânico:

— E agora acabou-se tudo. O acidente, um hospital, escuridão; eu não sobrevivi. Por isso estou aqui, conversando com você.

— Não se preocupe — respondeu a figura de negro. — Haverá outras oportunidades.

E concluiu, antes de afastar-se:

— Agora durma mais um pouco.